

Questões de Demografia Escolar: explorando o diagrama de fluxos

José L. C. Verdasca

Universidade de Évora, 2000

(...)

“ Em Junho de 1993, o Ministro da Educação distribui aos parlamentares um dossier de 64 páginas com elementos relativos ao sistema de ensino português. Na página 32 estava estampada uma síntese acerca do percurso escolar (...) dos alunos que acabavam de concluir o 9º ano em 1990/91 (teoricamente matriculados pela primeira vez no 1º ano de escolaridade em 1982/83). O que se passou com estes matriculados? Estarão no 9º ano, já abandonaram ou ainda marcam passo em outros anos de escolaridade? (Azevedo, 1994, p.17) .

As questões anteriores, conduzem-nos, invariavelmente, a um discurso que nos fala de aprovações, de reprovações e de desistências, mas também e em última análise, dos movimentos de progressão, de repetência e de abandono que viriam incontornavelmente a marcar as respectivas trajetórias e itinerários dessa e de outras gerações escolares, isto é, de um discurso que nos remete para questões relacionadas com movimentos e flutuações de uma dada população escolar, num determinado período de tempo, e que, ao mesmo tempo, nos faz suscitar uma enorme curiosidade e vontade de desenvolver e experimentar outras formas de olhar e fotografar uma dada realidade educativa, tecida num *caldo social e cultural* e envolta num imaginário educativo, que relativamente ao passado, e como sublinha J. Azevedo (1994), parece agora afigurar-se de referências menos estáveis, de um militantismo ideológico, político e social mais fragilizado, de um sentido das coisas e da vida mais indeterminado e relativizado. E, não obstante, existe agora “(...) mais liberdade pessoal e a própria sociedade é mais aberta e permissiva. Mas, se é verdade que há mais liberdade para seguir caminhos diversos, também é evidente que no meio do próprio relativismo moral reinante residem muitas contradições e dificuldades (...) A própria perda de confiança nos tradicionais sistemas de representação dificulta o diálogo dos adultos com as novas gerações, mais libertas, mas talvez mais perdidas” (*ibid.*, p. 151).

Retomando as questões inicialmente propostas por J. Azevedo e, em especial, o conjunto de procedimentos a delinear para a construção de possíveis respostas a essas questões, certamente que estes não se esgotam em meras descrições de jovens isolados mas, antes subentendem conjuntos de jovens delimitados espacialmente e com um certo significado social. Com esta delimitação espacial pretende-se falar da *dimensão* da população escolar (x alunos inscritos num determinado país, região, estabelecimento de ensino, turma), da *estrutura* ou repartição por subconjuntos (x alunos matriculados no 5º ano, y no 6º, ou, x inscritos pela 1ª vez, y pela 2ª vez ou mais) e da própria *distribuição no espaço*. A dimensão, a estrutura e a distribuição espacial são, pois, indicadores do *estado da população escolar*, constituindo, assim, um primeiro elemento fundamental de âmbito demográfico-educacional. Todavia, um estudo científico da população não se pode quedar apenas por aspectos estáticos (Nazareth, 1996), pelo que, necessariamente, o estudo de uma determinada população escolar tem de identificar as mudanças ocorridas no *estado da população escolar* e a *intensidade e direcção* dessas mudanças. Os registos respeitantes aos aprovados e não aprovados ou aos progredidos, repetentes e abandonos são, respectivamente, duas ilustrações dos aspectos estático e dinâmico do estado de uma dada população escolar.

A análise dos factores, natalidade, mortalidade e migração, enquanto variáveis, reconhecidamente influenciadoras do estado das populações, é agora substituída pela análise da procura social de educação (indicadores de escolarização e/ou inscrição), do abandono e das transferências de alunos, por exemplo. Na verdade, também em relação às populações escolares, se afigura igualmente relevante o desenvolvimento de análises de questões como a *natalidade escolar* (novos inscritos ou inscritos pela 1ª vez), a *mortalidade escolar* (abandono escolar) e a *migração escolar* (transferências de alunos), assumindo-se tais análises como um terceiro elemento fundamental a considerar.

As variáveis anteriores, enquanto variáveis antecedentes, condicionam os aspectos globais e estruturais da população. Nas análises longitudinais, como no caso do acompanhamento das trajectórias escolares de um grupo de alunos, acontecimentos renováveis como a progressão e a repetência, ou não renováveis como a diplomação e o abandono, são transpostos para uma *coorte*

imaginária ¹, determinando indicadores globais de desempenho escolar ou outras relações desagregadas, nomeadamente, relações de disparidade e assimetria, de que a *relação de masculinidade* dos desempenhos escolares ou de rendimento das escolas básicas *versus* escolas secundárias, constituem apenas exemplos de como a variável microdemográfica *progressão (p)*, pode ser usada, como elemento de análise em transversal, quer na determinação de indicadores de base longitudinal, quer na simulação de projecções de fluxos escolares, apoiadas em cenários com fixação prévia de coeficientes de produtividade e tendo por base critérios que estabelecem um determinado crescimento médio ano.

¹ O termo *coorte* começou por ser utilizado para designar um corpo de infantaria romana. No campo da Análise Demográfica, o termo pretende significar um grupo de indivíduos (no nosso caso, de alunos) com determinadas características que importa seguir e acompanhar ao longo dos anos. Cf. Nazareth, 1995.